

Violência simbólica no campo familiar na (des)estruturação do *habitus* do adolescente

Violencia simbólica en el ámbito familiar y (des)estructuración del *habitus* del adolescente

Symbolic violence in the family environment and (de)structuring of adolescent *habitus*

Cómo citar: Alves BP; Sá BA; Fernandes MC. Violência simbólica no campo familiar na (des)estruturação do *habitus* do adolescente. *Av Enferm.* 2021;39(1):112-120. <http://doi.org/10.15446/av.enferm.v39n1.82801>

1 Beatriz Pereira Alves

Universidade Federal de Campina Grande (Cajazeiras, Paraíba, Brasil).
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2388-2854>
Correio eletrônico: pbia012@gmail.com

Contribuição: desenho e elaboração do projeto; redação do artigo.

2 Bruna Araújo de Sá

Universidade Federal de Campina Grande (Cajazeiras, Paraíba, Brasil).
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2879-2815>
Correio eletrônico: brunnaadesaa@gmail.com

Contribuição: desenho e elaboração do projeto; redação do artigo.

3 Marcelo Costa Fernandes

Universidade Federal de Campina Grande (Cajazeiras, Paraíba, Brasil).
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1626-3043>
Correio eletrônico: celo_cf@hotmail.com

Contribuição: desenho e elaboração do projeto; redação do artigo; revisão crítica relevante do conteúdo intelectual.

DOI: <http://doi.org/10.15446/av.enferm.v39n1.82801>

Recibido: 11/10/2019 Aceptado: 31/07/2020

ISSN (IMPRESO): 0121-4500
ISSN (EN LÍNEA): 2346-0261



Resumo

Objetivo: refletir sobre a violência simbólica no campo familiar na (des)estruturação do *habitus* do adolescente a partir da série televisiva *Sex education*.

Síntese de conteúdo: estudo teórico-reflexivo, tendo por base livros e artigos que demonstrem os conceitos de campo, capital, *habitus*, poder e violência simbólica do filósofo Pierre Bourdieu e a série de televisão *Sex education*, que possibilita um novo olhar das relações complexas e das estruturas identitárias existentes no contexto familiar. Reconhecendo que a violência simbólica se expressa por meio de relações de poder manifestadas entre o dominador e o dominado, é perceptível a incorporação e a legitimação de um discurso marginalizado, por parte de indivíduos pertencentes a uma classe de menor empoderamento, aceitando essa realidade social de forma natural.

Conclusões: percebe-se que é necessário um olhar crítico sobre as relações interpessoais no contexto familiar, uma vez que é na socialização familiar que se tem o início da incorporação e da construção do *habitus* dos indivíduos, e que a violência simbólica, originada de um campo de submissão, pode ser tão prejudicial quanto os outros tipos de violência visíveis, já que afeta decisivamente a construção e o desenvolvimento dos adolescentes.

Descritores: Violência; Violência Doméstica; Relações Familiares; Poder Familiar; Comportamento do Adolescente (fonte: DECS, BIREME).

Resumen

Objetivo: reflexionar sobre la violencia simbólica en el ámbito familiar y la (des)estructuración del *habitus* del adolescente con base en la serie de televisión *Sex education*.

Síntesis de contenido: estudio teórico-reflexivo basado en libros y artículos del filósofo Pierre Bourdieu, que abordan los conceptos de campo, capital, *habitus*, poder y violencia simbólica, y la serie de televisión *Sex education*, la cual permite una nueva mirada a las complejas relaciones y estructuras de identidad existentes en el contexto familiar. Reconociendo que la violencia simbólica se expresa a través de las relaciones de poder manifestadas entre el dominador y el dominado, es notable la incorporación y la legitimación de un discurso marginado por parte de individuos pertenecientes a una clase menos empoderada, que acepta esta realidad social de forma natural.

Conclusiones: se evidencia la necesidad de una mirada crítica de las relaciones interpersonales en el contexto familiar, ya que es en la socialización familiar que comienza la incorporación y construcción del *habitus* de los individuos. Así mismo, se observa que la violencia simbólica, originada en un entorno de sumisión, puede ser tan perjudicial como otros tipos de violencia visible, pues esta afecta decisivamente la construcción y el desarrollo de los adolescentes.

Descriptoros: Violencia; Violencia Doméstica; Relaciones Familiares; Responsabilidad Parental; Conducta del Adolescente (fuente: DECS, BIREME).

Abstract

Objective: To reflect on the symbolic violence in the family field and the (de)structuring of adolescent *habitus* based on the television series *Sex education*.

Content synthesis: Theoretical and reflective study based on books and articles by philosopher Pierre Bourdieu, that address the concepts of field, capital, *habitus*, power and symbolic violence, and the television series *Sex Education*, which allows a new look at the complex relationships and existing identity structures in the family context. Recognizing that symbolic violence expresses itself through manifested power relations between the dominator and the dominated, it is noticeable the incorporation and legitimization of a marginalized discourse by individuals belonging to a less empowered class, who accept this social reality in a natural way.

Conclusions: A critical look is required on interpersonal relationships in the family context, since it is in family socialization that the incorporation and construction of the *habitus* of individuals begins. Besides, it is observed that symbolic violence originated in a submission environment can be as damaging as other types of visible violence, since this decisively affects the construction and development of adolescents.

Descriptors: Violence; Domestic Violence; Family Relations; Parenting; Adolescent Behavior (source: DECS, BIREME).

Introdução

A adolescência, período compreendido entre os 10 e os 19 anos de idade, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) (1), é uma fase de intensas mudanças físicas, psicológicas e sociais, que marcam a transição entre a infância e a vida adulta. É um período de descobertas e conquistas no que se refere à autoafirmação e às aspirações sociais, bem como da descoberta da identidade. Porém, essas vêm sendo construídas e desconstruídas por diversos fatores, destacando-se o aumento da violência, a qual influencia o campo familiar e é também influenciada por ele, visto que é um ambiente em que os adolescentes estão inseridos.

A violência é definida pela OMS (2) como o uso intencional de força física ou poder contra outra pessoa, grupo ou até contra si mesmo, que resulta em algum dano, mau-desenvolvimento, privação ou morte. Entende-se por violência intrafamiliar a ação ou omissão por algum integrante do convívio familiar, em uma relação de poder, que cause danos a outros (3).

Outro tipo de violência bastante presente em diversos setores sociais, inclusive no campo familiar, é a violência simbólica identificada pelo filósofo Pierre Bourdieu. Trata-se de um mecanismo utilizado de forma sutil por classes dominantes a fim de legitimar certas ações e comportamentos. Frequentemente, os envolvidos não têm consciência de que estão sofrendo ou exercendo a violência, que é reforçada quando os dominados naturalizam as razões da sua não dominância (4).

Independentemente da forma de apresentação da violência — física, psicológica, sexual ou simbólica —, autores apontam que as principais consequências dessa prática na adolescência ocorrem no desenvolvimento físico, social, comportamental, emocional e cognitivo das vítimas (5-7), o que vai reverberar diretamente na formação da identidade desses atores sociais.

Em geral, o adolescente exposto a qualquer dos diversos tipos de violência está mais propício ao desenvolvimento de problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão, alterações de memória, baixo desempenho escolar, insegurança, comportamento agressivo e tentativas de suicí-

dio (5, 8-10). Além disso, são mais vulneráveis à iniciação precoce na atividade sexual, resultando em gravidez indesejada e infecções sexualmente transmissíveis, e no abuso de álcool e drogas (11, 12).

Acredita-se que tal problemática possa ser interpretada a partir de um olhar sociológico, utilizando-se de conceitos nucleares bourdieusianos para compreender tais fenômenos e sugerir soluções para identificar, prevenir ou amenizar essas situações. Nesse sentido, emerge a seguinte questão orientadora: como a violência simbólica no campo familiar repercute na (des)estruturação do *habitus* do adolescente?

Percebe-se a necessidade de compreensão de como ocorre a violência simbólica no âmbito intrafamiliar e como ela repercute na construção identitária do ser adolescente, na perspectiva de não só identificá-la precocemente, como também planejar estratégias de prevenção, já que a violência pode gerar agravos no ambiente familiar, em seu entorno e na própria saúde do adolescente. Assim, o presente estudo tem por objetivo refletir sobre a violência simbólica no campo familiar na (des)estruturação do *habitus* do adolescente a partir da série televisiva *Sex education*.

Método

A série televisiva *Sex education* se tornou, no ano de 2019, uma das mais populares no cenário nacional e internacional, especialmente entre os adolescentes. Além do foco principal, que é a educação sexual trabalhada de forma crítica e bem singular, a série chama atenção para questões LGBTQI+, formação de identidade e relações familiares abusivas, destacando-se a relação do personagem Adam Groff e seu pai, diretor da escola Moordale, local onde se passa a maioria das cenas. Diante dessa última questão, surgiu a curiosidade de se pesquisar o ponto de vista filosófico dessas situações tão comuns entre as famílias e como elas impactam na qualidade de vida dos adolescentes. Para isso, houve a escolha do filósofo Pierre Bourdieu, crítico dos mecanismos de reprodução das desigualdades sociais.

Percebeu-se que, a partir de sua rica literatura, poderiam surgir novos olhares e, conseqüentemente, novas possibilidades de entendimento e enfretamento para as problemáticas vivenciadas na série, uma vez que suas obras destacam os condicionamentos materiais e simbólicos que

agem nos indivíduos e na sociedade numa complexa relação de interdependência.

Portanto, trata-se de um estudo teórico-reflexivo, com base em livros e artigos que demonstrem os conceitos nucleares bourdieusianos, em específico “campo”, “capital”, “*habitus*” e “poder e violência simbólica”, tendo como fagulha para o desencadeamento das intelecções que embasaram este estudo a série *Sex education*. Serão utilizadas situações dessa série que demonstraram a violência simbólica e a repercussão na (des)estruturação identitária do ser adolescente.

Pierre Bourdieu e os conceitos nucleares bourdieusianos

Renomado filósofo por formação, Pierre Bourdieu foi um dos mais influentes de sua época. Em sua notável trajetória, realizou pesquisas em áreas referentes ao sistema educacional, à política, à mídia, à literatura, entre outras, obtendo reconhecimento de suas obras pelo mundo, principalmente no Brasil, a partir da década de 1970. Sua obra é criticada, debatida e utilizada por instituições de ensino, tanto pelas escolas de ensino básico quanto pelas de ensino superior (13).

Os conceitos criados por Bourdieu trazem entendimentos para a discussão que propõe reflexão sobre as práticas dos sujeitos e da estrutura social. Dessa forma, entre seus principais conceitos, é possível destacar o campo, o qual pode ser explicado com diferentes espaços simbólicos, por exemplo, educação, ciência e economia. Cada um refere-se a um campo e cada campo apresenta a disputa de interesses na sociedade, entre a classe dominante e a classe dominada.

Nesse contexto, o campo possui espaços em que se dão a rivalidade e a competição entre as classes, estabelecendo assim relações de poder e a posição delas (4). Para cada campo existente, há o *habitus*, conceito que representa um sistema de disposições incorporadas. São como normas de determinada cultura com padrões de comportamentos específicos a serem seguidos pelos sujeitos, pois, uma vez inseridos em tal campo, o *habitus* é aquele adotado para sua conduta (14, 15). Por meio dessa organização, os indivíduos percebem o mundo social ao seu redor e a ele reagem. Nesse sentido, entende-se que o *habitus* orienta e localiza determinada prática, sendo, na ótica de Bourdieu, realizado de maneira inconsciente, sem a necessidade de sujeitos coor-

denando essas condições (16). Acrescenta-se que o *habitus* é uma maneira prática de o indivíduo entender e buscar a vida social; desse modo, age, sente e toma opiniões próprias advindas desse campo.

Além do campo e do *habitus*, faz-se necessário pensar a respeito do capital, o qual mostra uma compreensão mais ampliada do campo. Quando se manifesta o capital, Pierre Bourdieu retrata alguns conceitos, a citar: *capital cultural* trata-se da primeira socialização apresentada, interagindo e intervindo no meio, nos gostos e nas relações, e *capital social* refere-se aos elos em que o ser humano se conecta e que contribuem ou promovem o espaço e poder em determinado campo (17, 18). A partir dessas discussões, observa-se que há relação intrínseca entre capital e campo, pois esse espaço social é pautado numa desigualdade de distribuição de capital social, ou seja, o poder. Para essa distribuição, há os dominantes — os que têm mais capital específico — e os dominados — menos acesso ao capital. Existem demasiados exemplos de campo, bem como tipos de capital, que são primordiais nessa discussão. Dependendo do campo em questão, o peso do capital tem a sua relevância, o que faz surgir frações de classes (4).

Um outro conceito bem trabalhado é o poder simbólico que está relacionado a esses sistemas. Para a atuação do poder simbólico ser propícia, esses agentes se multiplicam a partir do capital — social, cultural ou simbólico — e partem de uma concepção de imposição, superioridade, poder, autoridade e dominação de uma classe sobre a outra (14, 19). Dessa hierarquia social, surge a denominada violência simbólica, expressa por meio das relações de poder manifestadas entre o dominador e o dominado. Nesse caso, o dominador tem consciência de sua dominação e a aplica para legitimá-la, ao contrário do dominado, que não sabe de tal realidade. Apesar de essa violência não ser visível, pode ser tão agressiva quanto as outras formas de violência já conhecidas, pois faz com que o sujeito (dominado) permaneça sempre na mesma posição excludente, atribuindo a ele conceitos e regras a serem seguidos (14, 16). Portanto, é possível compreender as relações entre comportamento e forma de agir do ser humano, em que sua desenvoltura envolve o *habitus* de inserção de determinada conjuntura sócio-histórica, intervindo na sua forma de se relacionar em sociedade e para com os outros, desde os valores até as ideias, em razão da incorporação da dimensão simbólica e, ao contextualizar o ser adolescente, ele se torna eixo estruturante na formação de sua identidade.

Olhar bourdieusiano na estrutura do ser adolescente a partir da série *Sex education*

Um número cada vez maior de estudos vem analisando filmes e séries televisivas como objeto de pesquisa por se tratarem de ferramentas expressivas e significantes que permitem o exercício da reflexão pelos pesquisadores, levando à construção do conhecimento ao possibilitar a exploração de situações muito próximas à sua realidade, incorporando diferentes saberes a partir da ressignificação do seu conhecimento prévio (20, 21). *Sex education* é uma série de comédia e drama britânica criada por Laurie Nunn, que tem como pano de fundo os dilemas sexuais vividos por adolescentes do ensino médio, trazendo outros temas relevantes, como uso de drogas, gravidez indesejada, aborto, masturbação, *bullying* e homofobia. Outro tema importante que se percebe na série e que é o foco desta pesquisa se refere às relações familiares abusivas, em especial a do personagem Adam Groff e seu pai.

Observa-se na série que o campo, na lógica bourdieusiana, é retratado nas relações familiares presentes entre o personagem Adam Groff, um adolescente do ensino médio com comportamentos agressivos, e seu pai, sr. Groff, diretor da escola Moordale, na qual Adam estuda. O campo dotado de certa autonomia é considerado um campo de forças, em que prevalece a presença de leis e regras específicas. É um espaço de luta entre indivíduos que buscam manter ou alcançar determinadas posições, obtidas por meio de disputas de capitais específicos para cada tipo de campo (17).

No interior dos campos, percebe-se a adoção de diferentes posturas por parte dos agentes que integram as disputas. A aceitação das normas e da cultura de regras é uma das atitudes possíveis de se adotar dentro do campo; outra é a denominada “atitude herética” (17), que, segundo Bourdieu, caracteriza-se pela presença frequente de contestação e oposição às regras e às normas, sendo essa última observada ao longo da série, uma vez que Adam se mostra um adolescente muito indisciplinado que não gosta de ser controlado, apesar de todas as regras impostas por seu pai.

Entende-se por *habitus* algo incorporado ao longo da história de vida dos indivíduos por meio de diversas interações sociais, incluindo as do contexto familiar, que são extremamente importan-

tes, uma vez que é por intermédio dos processos de interação familiar que ocorrem os primeiros processos de socialização. Importante ressaltar que os sujeitos permanecem continuamente constituindo e reestruturando seu *habitus* primário ao longo de suas trajetórias e a partir de outros modos de socialização que ultrapassam a esfera familiar, como a escola, as amizades e os namoros, porém é na socialização familiar que ocorre a incorporação das disposições mais perduráveis dos indivíduos (17, 22-24).

Dessa forma, é importante ressaltar que, ao se pensar nos modos de socialização familiar, é necessário considerar que existem variações de acordo com o contexto e grupo social em que as famílias estão inseridas (25). Nas suas interações, os agentes tendem a executar as ações de acordo com as reações e as expectativas criadas em torno de si mesmos e na apreensão que esses agentes têm diante do mundo (22, 26). Isso pode ser visualizado no episódio em que Adam confessa se sentir muito pressionado por ser o filho do diretor da escola em que estuda e conseqüentemente ter muita visibilidade por causa da posição de seu pai, mesmo não sendo as atitudes esperadas do filho de um diretor.

Assim, Adam assume uma posição de inferioridade no campo, visto que seu pai possui o poder simbólico em razão de seu *status* na escola e sua posição de superioridade no campo familiar, além do acúmulo de capitais culturais, sociais, econômicos e intelectuais. Como efeito do poder simbólico, surge a violência simbólica.

Bourdieu (22) conceitua a violência simbólica como aquela imposta e vivenciada por meio de uma submissão paradoxal, de forma suave e insensível decorrente de vias simbólicas das interações sociais, havendo o desconhecimento da vítima. Ao se apoiar em crenças construídas e disseminadas coletivamente, o conceito de violência simbólica aborda imposições culturais exercidas de forma legítima, mas quase sempre imperceptíveis e dissimuladas (16).

Ao longo dos episódios, pode se perceber essa violência quando o sr. Groff compara os comportamentos e as notas escolares de Adam com os de sua irmã exemplar; diz que ele o envergonha e ameaça colocá-lo em uma escola militar, além de não demonstrar nenhum afeto para com ele, nem no ambiente escolar, nem no familiar, agindo sempre com muita rispidez e autoritarismo.

Como efeito da violência simbólica, ocorre a incorporação e a legitimação de um discurso marginalizado por parte de indivíduos pertencentes a uma classe de menor empoderamento, aceitando essa realidade social de forma natural (16). Tal qual pode ser observado na cena em que Adam paga uma de suas colegas de classe para escrever sua redação, já que ele se sente incapaz disso.

Estudos revelam que relações constituídas por atitudes abusivas, controladoras e violentas tendem a gerar problemas de comportamento e sentimento negativo de si mesmo nas vítimas, o que é refletido diretamente no desempenho escolar e nas relações sociais (27, 28). Adam mostra do começo ao fim da série sua inabilidade de manter e construir relações interpessoais saudáveis, sempre demonstrando comportamentos e sentimentos inapropriados, irritabilidade e tendência à agressividade, em especial contra Eric Effiong, um colega de classe assumidamente gay, e, por essa razão, apreende-se que Adam exterioriza pensamentos, sentimentos e atitudes homofóbicas.

Os desafios apresentados na série relacionados à família Groff transparecem os modelos do sistema tradicional e hierárquico, o que diverge do mundo novo e contemporâneo em que as relações deveriam ser mais afetivas, compreensivas e com bastante diálogo. Esse sistema autoritário retrata também uma relação conflituosa adotada e imposta pelo pai, sr. Groff, mas não distante do mundo real, sem as câmeras e telas, estando mais próximas da sociedade, porém não problematizadas, discutidas e entendidas.

Sabe-se que a família é vista como a primeira projeção de educação e valores, sendo os pais educadores e formadores dos filhos para o meio social. No entanto, a formação dos filhos ainda se rotula muito nos princípios e nos valores preestabelecidos de determinadas culturas (29). Traçando esses pensamentos com os pensamentos bourdieusianos, os valores construídos pelos pais, quando, baseados nos mecanismos transmitidos a eles quando crianças, colaboram e interferem com as formas do educar, repercutindo na estruturação das identidades.

Nesse sentido, é consenso que a família, quando desestruturada de competências emocionais, está intimamente ligada aos problemas sentimentais e comportamentais das crianças e jovens, até mesmo na fase adulta. Aliados às práticas coercitivas parentais, esses problemas sentimentais e

comportamentais estimulam os conflitos internos e externos e ajudam a desencadear características, muitas delas violentas, reproduzidas das estruturas (os pais) e passadas para os estruturantes (os filhos) de forma contínua e persistente (30, 31).

O estudo de Overlien (32) aborda a visão dos filhos para com os pais, sendo o pai, em grande maioria, autoritário, opressivo, inflexível, ríspido, violento e rigoroso, diferentemente da mãe, posicionada como vítima, a qual não revida o controle abusivo do marido por medo, insegurança ou desconhecimento da situação. O estudo aborda ainda o posicionamento dos filhos como expectadores impotentes, os quais não têm, muitas vezes, autonomia ou forças para agir e buscar ajuda, tornando-se reprodutores das ações ocorridas no espaço familiar, situação essa observada ao longo da série *Sex education*.

O personagem Adam apresenta complexa relação com o pai, que pode ser observada tanto por meio da dificuldade em expressar seus desejos e vontades quanto pelo seu mau comportamento. Estudos revelam que o autoritarismo, no sentido de proibir, limitar e exigir, colabora para o consumo de álcool e outras drogas, bem como para o uso da força física (33, 34), situações essas vivenciadas e realizadas por Adam. Quando observada nas cenas, a limitação do personagem torna visível sua outra face, aquela que pede ajuda. Mesmo sendo o ofensor em boa parte do tempo, é também vítima.

Em consenso, Moulds et al. (35) demonstram que a maioria dos jovens agressivos já vivenciou ou vivenciava algum tipo de opressão ou violência, sendo essa natureza compartilhada em profundas implicâncias e, futuramente, naturalizada como ações resolutivas de problemas. Os autores mencionam o uso abusivo do poder e do controle dos pais com os filhos, identificando assim como fonte geradora e reprodutora de atos nocivos, isso porque apresentam outra expressão, a "síndrome dos pais maltratados", como reflexo de gerações antigas e passadas adiante.

Selwyn e Meakings (36) apontam que esse modelo de relacionamento se transforma em sentimentos não saudáveis para os filhos, podendo afetar seu desenvolvimento pessoal e social. Chapman e Coleman (37) colocam ainda que cerca de 28,4 % dos adolescentes já sofreram agressão física em casa, enfatizando que muitos adolescentes não apresentam visibilidade para os sinais de violação corporal ou de direitos, o que favorece a não busca da autoproteção ou denúncia.

Ainda com o foco nas relações familiares, os conceitos bourdieusianos apresentam enlaces entre educação, sociedade e família a partir dos conceitos do *habitus* e da estratégia. O estudo denota as particularidades do educar, dos agentes transmissores e a implementação social, em ênfase, a família. As ações que condizem ao *habitus* são as estruturas que intermeiam as estruturantes a funcionar como princípios geradores de representações das práticas de acordo com o *habitus* criado em si. Dessa forma, o social é desenvolvido por meio do *habitus* na vida dos agentes (estruturas), e a educação passa a ser a idealização que esses agentes têm ou adquirem do meio social obtida a partir das práticas do *habitus* (4).

Com relação às estratégias, elas se mostram em meio a uma série de ciclos do *habitus*, construindo a sociabilidade na vida cotidiana. Presentes desde a infância, as estratégias ocorrem das experiências, ou seja, surgem como ações movidas por uma determinada situação, sendo assim inconscientes, pois se ajustam com a prática imposta, determinada e específica de uma configuração social. Por esses processos, a educação se forma entre as estruturas de maneira semelhante, isto é, os agentes agem conforme seus interesses, mas não desobedecem às regras (4).

Estudar a família enquanto estratégia não é torná-la um conceito e exemplo a ser seguido como lei. Como parte real da vida social e parental, a família é composta de agentes educadores dos sentimentos, trocas, afeições e obrigações, por sua vez frutos semelhantes de uma jornada. A abordagem familiar colabora na via educativa e, na falta do seu vínculo, torna-se ponte para a reprodução daquilo que ela transmite, seja pela ausência do afeto, seja pelos comportamentos agressivos e intransigentes como correção comportamental do jovem adolescente (35). Com efeito, compreender as consequências das práticas não coercitivas impostas na adolescência faz compreender também como os comportamentos violentos induzem a uma evolução de outros atos danosos sobre o cotidiano, interferindo diretamente e negativamente nas relações entre pais e filhos.

É válido ressaltar que são várias as tipologias existentes de violência e as estratégias de indução das ações justificadas como correção comportamental. Assim, no intuito de reduzir as atrocidades, tendo em vista as diversidades socioculturais, sugere-se atentar para a educação familiar dos pais e dos

jovens, esclarecendo sobre como as ações podem implicar sob o outro quando colocadas de forma inadequada.

Conclusões

O objetivo do presente estudo foi debater sobre a violência simbólica no campo familiar na (des)estruturação do *habitus* do adolescente a partir de um estudo teórico-reflexivo. Em vista de atingir o objetivo proposto, resgatou-se uma pequena parcela das obras de Pierre Bourdieu e da literatura que trata da temática “violência simbólica”. Nesse sentido, esmiuçou-se e desenvolveu-se uma associação dos conceitos bourdieusianos aplicados à série *Sex education*.

Apreendeu-se que é necessário um olhar crítico sobre as relações interpessoais no contexto familiar, uma vez que é na socialização familiar que se tem o início da incorporação e da construção do *habitus* dos indivíduos, e que a violência simbólica, originada de um campo de submissão, pode ser tão prejudicial quanto os outros tipos de violências visíveis, já que afetam decisivamente a construção e o desenvolvimento dos adolescentes, afetando sobretudo a autoestima, a capacidade de construir relações interpessoais satisfatórias e estimulando comportamentos agressivos. Logo, surge um preocupante ciclo vicioso de violência, como pode se observar nas atitudes e comportamentos do personagem Adam Groff.

Ao fazer referência à família, cabe aqui ressaltar que a ideia de família é uma construção social, na qual as relações de parentesco, ou não, se organizam com determinantes mudanças estruturais. Por sua vez, ela carrega em si características individuais, as quais podem mudar diante das suas necessidades, influenciando ou tornando-se influenciáveis, gerando ou dificultando o bom desenvolvimento de seus membros. Entretanto, as relações marcadas pelos conflitos, nesse caso, a violência, são naturalizadas e justificadas por meio de discursos como alternativa educativa e de dominação, na maioria dos casos, dos pais sobre os filhos. A partir disso, pode-se pensar no processo de reprodução, perpetuando o ciclo violento no *habitus* do adolescente. O impacto da exposição direta ou indireta do adolescente às relações violentas revela-se como principal fator para problemas de saúde física e mental, além de constituir uma nova porta de entrada, a longo prazo, para outras manifestações, de violência ou não.

Em virtude do que foi trabalhado, o ingresso na adolescência do personagem Adam Groff evidencia-se pela transformação social, mental e física, desvelando a sua capacidade de como enfrentar diversas situações. Partindo desse pressuposto, a conjuntura da ficção não foge tanto da realidade, o que faz entender que esse processo se origina das relações interpessoais, marcadas por crise familiar ou algum processo coesivo a esse grupo. Dessa forma, a conceituação da violência se modifica em diversos significados e variados espaços, os quais têm efeito devastador carregados de marcas explícitas ou sutis, mas dolorosas, com consequências danosas no âmbito familiar, escolar e pessoal.

A violência simbólica, assim como os diversos tipos de violência, é um evento multidimensional que afeta a sociedade como um todo e, para preveni-la, é necessário um trabalho intersetorial e multidisciplinar. O presente estudo contribui em parte para essa prevenção a partir do momento que coloca em discussão o conceito e as consequências da violência simbólica, levando à possibilidade de identificação do problema e à consequente tentativa de resolução.

Tais resoluções devem envolver a articulação e a relação dialogada de diversas esferas, conforme supracitada, ou seja, não somente o Estado, mas principalmente os profissionais da saúde e da educação, as entidades representativas da sociedade e das famílias, com o intuito que as ações, os serviços e as políticas públicas estejam tanto alinhadas às demandas que envolvem as violências experienciadas no campo familiar quanto alicerçadas em práticas que possam trabalhar a inteligência emocional dos atores sociais com vistas ao empoderamento e à consequente prevenção da violência que repercute negativamente na desestruturação familiar.

As limitações deste estudo se encontram primeiramente na referência de comparação com apenas um personagem da série, o que certamente reflete os problemas dos jovens em um determinado contexto, porém impossibilita a generalização dos resultados para a população como um todo; além disso, a quantidade de literatura era reduzida para responder à questão orientadora. Dessa forma, sugere-se que sejam produzidos mais pesquisas, estudos e investigações acerca dos conceitos de Pierre Bourdieu, em especial sobre a violência simbólica que se faz muito presente, principalmente no campo familiar e escolar.

Apoio financeiro

Não se aplica.

Referências

- (1) World Health Organization (WHO). Young people's health: A challenge for society. Report of a WHO study group on young people and health for all. Technical Report Series 731. Genebra: WHO; 1986. <https://bit.ly/3h6SsZk>
- (2) World Health Organization (WHO). Prevention of violence: A public health priority. Genebra: WHO; 1996. <https://bit.ly/2LQOOat>
- (3) Ministério da Saúde do Brasil. Secretaria de Políticas de Saúde. Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço. Brasília: Ministério da Saúde; 2001.
- (4) Bourdieu P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1989.
- (5) Barros AS; Freitas MFQ. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: consequências e estratégias de prevenção com pais agressores. Pensando Fam. 2015;19(2): 102-114. <https://bit.ly/2WAdW7O>
- (6) Malta DC; Bernal RTI; Pugedo FSF; Lima CM; Mascarenhas MDM; Jorge AO; Melo EM. Violence against adolescents in Brazilian capitals based on a survey conducted at emergency services. Ciênc Saúde Colet. 2017;22(9):2899-2908. <http://doi.org/10.1590/1413-81232017229.14212017>
- (7) Sousa CMS; Mascarenhas MDM; Gomes KRO; Rodrigues MTP; Miranda CES, Frota KMG. Suicidal ideation and associated factors among high school adolescents. Rev Saude Publica. 2020;54(33):1-10. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2020054001637>
- (8) Ibabe I. Adolescent-to-parent violence and family environment: The perceptions of same reality? Int J Environ Res Public Health. 2019;16(12):2215. <https://doi.org/10.3390/ijerph16122215>
- (9) Leite JT; Beserra MA; Scatena L; Silva LMP; Ferriani MGC. Coping with domestic violence against children and adolescents from the perspective of primary care nurses. Rev. gaúch. enferm. 2016;37(2): e55796. <http://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.02.55796>
- (10) Del Moral G; Suárez-Relinque C; Callejas JE; Musitu G. Child-to-parent violence: Attitude towards authority, social reputation and school climate. Int J Environ Res Public Health. 2019;16(13):2384. <https://doi.org/10.3390/ijerph16132384>
- (11) Lyons J; Rabie G. Empowering adolescents and the wider community to recognize adolescent relationship abuse. Br J Sch Nurs. 2014;9(3):131-140. <https://doi.org/10.12968/bjsn.2014.9.3.131>

- (12) Bartle-Haring S; Slesnick N; Carmona J. Reciprocity in adolescent and caregiver violence. *J Fam Viol.* 2015;30:149-159. <https://doi.org/10.1007/s10896-014-9659-5>
- (13) Mendes EH; Rinaldi IPB. Trajetórias do *habitus* avaliativo no decorrer da carreira docente. *Movimento.* 2019;25: e25031. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.80352>
- (14) Bourdieu P. Esboço de uma teoria da prática. Em: Ortiz R, organizador. *Pierre Bourdieu — sociologia*, p. 46-86. São Paulo: Ática; 1983.
- (15) Souza DF; Silvino ZR. The Sociology of Pierre Bourdieu: Theoretical potential for the subfield of nursing. *Rev Bras Enferm.* 2018;71(4):2055-2059. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0505>
- (16) Araújo CM; Oliveira MCSL. Contribuições de Bourdieu ao tema do desenvolvimento adolescente em contexto institucional socioeducativo. *Pesqui. prát. psicossociais.* 2014;8(2): 216-225. <https://bit.ly/3pgyMp1>
- (17) Pereira EAT. O conceito de campo de Pierre Bourdieu: possibilidade de análise para pesquisas em história da educação brasileira. *Revista Linhas.* 2015;16(32): 337-356. <https://bit.ly/2WBNnPj>
- (18) Turnbull SM; Locke K; Vanholsbeeck F; O'Neale DRJ. Bourdieu, networks, and movements: Using the concepts of habitus, field and capital to understand a network analysis of gender differences in undergraduate physics. *PLoS One.* 2019;14(9): e0222357. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0222357>
- (19) Duhau R; Brandão IBS. Ele no pescoço: a violência simbólica de Pierre Bourdieu e o uso de coleira por parte das mulheres durante o carnaval. *Hegemonia.* 2017;(22 spe):74-97. <https://bit.ly/3rphrMz>
- (20) Nicolau ARS; Camillo SO; Maiorino FT; Nóbrega MPSS. O cinema como recurso pedagógico na disciplina de enfermagem psiquiátrica. *R. Enferm. Cent. O. Min.* 2014;4(1):983-992. <https://bit.ly/34wS7dz>
- (21) Pereira DD. O uso do cinema como recurso pedagógico no primeiro e segundo ciclo do ensino fundamental: um estudo de caso em Parintins — AM. *Pedagogia em Ação.* 2018;10(1):79-82. <https://bit.ly/3asrOjJ>
- (22) Bourdieu P. *Coisas ditas.* São Paulo: Brasiliense; 2004.
- (23) Ruiz-Hernández JA; Moral-Zafra E; Llor-Esteban B; Jiménez-Barbero JA. Influence of parental styles and other psychosocial variables on the development of externalizing behaviors in adolescents: A systematic review. *Eur. j. psychol. appl. legal context.* 2019;11(1):9-21. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2018a11>
- (24) Setton MGJ. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Rev Bras Educ.* 2002;(20):60-70. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000200005>
- (25) Pratta EMM; Santos MA. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicol estud.* 2007;12(2):247-256. <https://bit.ly/3rf2cWd>
- (26) Silveira IT. Sociedade, educação e família. *Revista HISTEDBR on-line.* 2006;(22):180-193. <https://bit.ly/34t1R8H>
- (27) Fava DC; Pacheco JTB. Maus tratos, problemas de comportamento e autoestima em adolescentes. *Rev. bras. ter. cogn.* 2017;13(1):20-28. <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20170005>
- (28) Moreira KFA; Oliveira DM; Oliveira CAB; Alencar LN; Orfão NH; Farias ES. Perfil das crianças e adolescentes vítimas de violência. *Rev Enfer UFPE on line.* 2017;11(11):4410-4417. <http://doi.org/10.5205/reuol.23542-49901-1-ED.1111201718>
- (29) Mota RS; Gomes NP; Rodrigues AD; Camargo CL; Couto TM; Diniz NMF. Histórias de violência na infância na perspectiva de adolescentes grávidas. *Rev. eletrônica enferm.* 2014;16(3):583-589. <http://doi.org/10.5216/ree.v16i3.22109>
- (30) Priotto EMTP; Ferriani MGC; Silva MAI. Práticas educativas na convivência familiar de adolescentes do Brasil, Paraguai e Argentina. *Rev Enferm UFPE on line.* 2015;9(11):9688-9698. <http://doi.org/10.5205/reuol.8008-72925-1-ED.0911201507>
- (31) Mateus MNE. Percepções da relação Escola e Família. *Imagonautas.* 2016;7:44-61. <https://bit.ly/2KFsyzU>
- (32) Øverlien C. "He didn't mean to hit mom, I think": Positioning, agency and point in adolescents' narratives about domestic violence. *Child Fam Soc Work.* 2014;19(2):156-164. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2206.2012.00886.x>
- (33) Horta CL; Horta RL; Mester A; Lindern D; Weber JLA; Levandowski DC; Lisboa CSM. Bullying e uso de substâncias psicoativas na adolescência: uma revisão sistemática. *Ciênc Saúde Coletiva.* 2018;23(1):123-140. <http://doi.org/10.1590/1413-81232018231.20932015>
- (34) Beserra MA; Carlos DM; Leitão MNC; Ferriani MGC. Prevalence of school violence and use of alcohol and other drugs in adolescents. *Rev. Latino-Am. enferm.* 2019;27: e3110. <http://doi.org/10.1590/1518-8345.2124.3110>
- (35) Moulds L; Day A; Mildred H; Miller P; Casey S. Adolescent violence towards parents — The known and unknowns. *Aust. N. Z. j. fam. ther.* 2016;37(4):547-557. <https://doi.org/10.1002/anzf.1189>
- (36) Selwyn J; Meakings S. Adolescent-to-parent violence in adoptive families. *Br. J. Soc. Work.* 2016;46(5):1224-1240. <https://doi.org/10.1093/bjsw/bcv072>
- (37) Chapin J; Coleman G. Adolescents' perceptions of family violence risks. *J. fam. violence.* 2014;29:757-761. <https://doi.org/10.1007/s10896-014-9634-1>